

**BASES EPISTEMOLÓGICAS E FILOSÓFICAS DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO:
CONCEITOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA A FORMAÇÃO DE
PROFESSORES****Douglas Pereira Azevêdo¹
Wellington Lima Cedro²**¹Universidade Federal de Goiás/ douglas23@discente.ufg.br²Universidade Federal de Goiás/ wcedro@ufg.br**Resumo:**

O presente trabalho tem como objetivo sintetizar as três correntes teórico-metodológicas utilizadas para pesquisas bibliográficas em ciências humanas de modo geral e neste caso, mais específico, objeto principal na área Educacional, a saber: o positivismo, a fenomenologia e o materialismo histórico-dialético. Para caracterizar esses três principais enfoques epistemológicos, fez-se necessário, por meio da pesquisa bibliográfica, abordar o seu contexto histórico, bem como os intelectuais que o fundaram e/ou ainda que se destacaram nas mesmas além dos propósitos de cada uma delas em sua aplicação teórica. Essa discussão é relevante na medida em que incentiva o debate e a delimitação dos fundamentos epistemológicos nas pesquisas em Educação e identifica elementos centrais para a formação do professor da Educação Básica na investigação científica. Torna-se relevante destacar algumas características dessas tendências filosóficas para a formação do professor-pesquisador.

Palavras-chave: Enfoque epistemológicos. Formação de professores. Professor-pesquisador.

Introdução

Neste texto, foi realizada uma análise comparativa entre três correntes filosóficas ou concepções teórico-metodológicas diferentes: a positivista, a fenomenológica e a materialista-histórica. As reflexões teóricas e os referenciais aqui usados são oriundas das discussões e debates realizados ao longo da disciplina de Metodologia da Pesquisa Educacional em Ensino de Ciências e Matemática. Os espaços de compartilhamento de ideias e saberes proporcionaram o debate e discussão com ênfase no contexto educacional.

A necessidade deste trabalho concentra-se em dois parâmetros: 1) confusão que guia muitas pesquisas que estão sendo desenvolvidas pela academia; Gamboa (2012) alerta sobre a “[...] a coexistência de diversas abordagens no âmbito da própria pesquisa educacional” (p. 63). Segundo o autor, há vários trabalhos confusos no meio acadêmico, muitos propõem um tipo de epistemologia no início do trabalho, contudo fazem a coleta e análise de dados tendo como base outra corrente epistemológica. 2) tem por objetivo de discutir e refletir sobre esses vieses epistemológicos na formação de professores.

A origem deste artigo está ligada ao fato de que não deveria existir um professor sem

uma epistemologia que desse sustentação ao seu trabalho pedagógico e que não há pesquisa científica também sem uma base epistemológica definida. Entende-se, ao longo deste trabalho, que para formar um professor-pesquisador, é necessário que se adentre nas discussões epistemológicas visto que, não é possível fazer pesquisa de qualidade, construir e desenvolver uma pesquisa sem estar embasado, e ainda mais, sem assumir para si, o seu aporte teórico e metodológico.

Na graduação e na pós-graduação, a disciplina de Metodologia é o primeiro contato com o mundo da pesquisa para grande parte dos estudantes. É nesse momento que terão acesso às pesquisas, criando e desenvolvendo seu olhar de pesquisador com base nas pesquisas de outros. O ensino superior, de maneira geral, evidencia em outras palavras a compreensão do surgimento e desenvolvimento da ciência e sua aplicabilidade em outras áreas do conhecimento bem como, a criticidade perante a construção e desenvolvimento da pesquisa frente as questões de pergunta.

É por meio do desenvolvimento da ciência por meio da pesquisa que ocorrem descobertas e avanços nos diferentes setores e áreas da sociedade, tais como: tecnológicos, biológicos e humanísticos. Para que isso ocorra, há a aplicação do método. A metodologia da pesquisa, tem o intuito de clarear, eliminar pontos ainda obscuros (manchas) para que o pesquisador tenha um bom caminho rumo à apropriação e desenvolvimento do conhecimento científico em sua pesquisa. A aprendizagem dos métodos e das técnicas é desta forma, de suma importância para o percurso acadêmico (MOURA, et. al., 2015).

Neste bojo, o objetivo do presente texto é desenvolver uma análise acerca do positivismo, da fenomenologia e do materialismo histórico-dialético e suas respectivas contribuições para a docência. Intenta-se, neste trabalho, caracterizar cada uma das três correntes, o que não é tarefa fácil. Para tanto, utiliza-se ao longo deste trabalho como referencial metodológico, num primeiro momento, o levantamento exploratório da literatura sobre os enfoques filosóficos contemporâneos (TRIVIÑOS, 1987). Paralelo a esses fundamentos, há o estudo bibliográfico sobre a formação do professor-pesquisador.

PESQUISA: um ato político e social...

A pesquisa, de modo especial no Brasil, começou a se desenvolver a partir da década

de 70, quando foram criados os cursos de Pós-Graduação. Grande parte das pesquisas visava a formação de professores para a atuação na docência no ensino básico até os níveis superiores.

Em se tratando de pesquisas na área da Educação, a dualidade surgida entre o qualitativo e o quantitativo já fora superada, apesar de muitos ainda a manterem. Esta dualidade, quando apoiada em referenciais marxistas, fenomenológicos e até mesmo positivistas (com muitas reservas) não existe mais. Toda pesquisa pode ser ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa. É claro que muitas pesquisas de cunho de investigação baseada na estatística poderiam ser mais aprofundadas para uma interpretação mais ampla.

A estatística não pode ser um instrumento fundamental, pois ela deveria ser um auxiliador do pesquisador (DEMO, 2009; GATTI, 2012; TRIVIÑOS, 1987). Muitos terminam o seu estudo exatamente onde deveriam começar. Entretanto, há muitas pesquisas que não se apoiam em estatística e têm um tipo de objetividade e validade conceitual para o desenvolvimento do pensamento científico.

Neste sentido, alguns pontos precisam ser levados em consideração: o primeiro deles é que fazer pesquisa é um ato político e que a ciência não é neutra. Demo (2009) mostra que: “Só pode ser reconhecido como trabalho científico, aquilo que se mantiver discutível”. O autor ainda aponta que a ideologia está intrínseca, pois está no sujeito e no objeto. A própria realidade social é ideológica (produto histórico); não existe história neutra, nem ator social neutro. A pesquisa é, pois, fruto de um processo sócio-histórico-ideológico.

Gatti (2012) reflete que a própria pesquisa quantitativa não é neutra, pois nenhum número é neutro de interpretação, já que o significado dos resultados é dado pelo pesquisador de acordo com o seu referencial teórico. Sendo assim, segundo a autora, as pesquisas qualitativas e quantitativas podem se combinar para enriquecer o trabalho do pesquisador exigindo dele uma atitude de reflexão com base nos dados alcançados.

A própria escolha do referencial teórico, que sustentará toda a trajetória do pesquisador, já é, pois, uma tomada de “partido/decisão”. O trabalho será debatido por alguns, sendo aceito por uma parcela, confrontado por outros. Assumir uma postura teórica é um ato político e, portanto, não neutro.

A autora reflete que, na produção de conhecimento, não temos segurança total, sempre temos uma certa insegurança. Na pesquisa e para o pesquisador, não podem existir dogmas,

verdade absoluta, não há conhecimento absoluto e científico (GATTI, 2012, p. 10). É um campo de descoberta, mas também de tensões. Parafraseando Bernadete Gatti quanto à pesquisa, Pedro Demo aponta que: “Construir ciências sociais não é pretender produtos acabados, verdades definitivas, mas cultivar um processo de criatividade marcado pelo diálogo consciente com a realidade social que a quer compreender, também para transformar” (2009, p.14).

A pesquisa de qualidade é, pois, aquela que ao invés de responder a todos os questionamentos, provoca mais indagações no decorrer da caminhada. Uma pesquisa inovadora é aquela que parte de outras, mas que acrescenta novas especulações e questionamentos que não foram percebidos.

Ademais, na pesquisa em educação, o fato é de que muitos valorizam a prática em detrimento da pesquisa teórica. Grande parte não se dedica à teoria quanto deveria. Estar embasado teoricamente é uma necessidade do professor-pesquisador para fundamentar sua ação em sala de aula na busca por melhores resultados.

Neste sentido, a pesquisadora Gatti (2012) critica o imediatismo nas pesquisas em educação. Há uma tendência a um “recorte excessivamente limitado” que responde de maneira superficial a questionamentos iniciais da pesquisa, mas que não abre possibilidade para novos questionamentos e debates aprofundados. A pesquisadora aponta outra dificuldade que é a formação do professor-pesquisador. Em muitas formações, os aspectos práticos são mais privilegiados que os teóricos, característica esta da falsa e velha dicotomia: teoria *versus* prática.

Outra problemática está ligada à significação dos dados e à força política que o pesquisador tem em suas mãos. A pesquisa não pode parar no pesquisador, o trabalho do pesquisador não pode se resumir apenas na elaboração de um trabalho de conclusão de curso, por exemplo. O conhecimento historicamente elaborado precisa chegar a outras pessoas, pois como afirma Martins (2004): “(...) o papel dos cientistas deve ser, portanto, o de fornecer um conhecimento que ajude o outro a se fortalecer como sujeito autônomo capaz de elaborar seu próprio projeto político” (p. 96). O pesquisador, portanto, não é meramente uma fonte de informação, pois ele atua numa relação social e política.

Uma pesquisa, para ser considerada científica, exige tomada de decisão quanto à

fundamentação epistemológica do pesquisador. Quando se fala em epistemologia, fala-se também de ciência, pois a origem da palavra epistemologia é grega (*episteme*) e significa estudo do conhecimento.

Para a realização de estudos sobre o homem e sua vida na sociedade, destacam-se ao longo da academia três principais aportes epistemológicos que norteiam a construção da pesquisa: Positivismo, Fenomenologia e Materialismo Histórico-dialético. Afim de caracterizá-los em suas especificidades, estes aportes teóricos são pois, os objetos de estudo deste trabalho.

Positivismo: a quantificação da ciência...

O Positivismo é uma corrente metodológica que desenvolveu com Augusto Comte, considerado o pai da Sociologia no século XIX. As raízes do positivismo se encontram no empirismo dos séculos XVII e a XVIII.

Segundo Demo (2009), os empiristas acreditavam nos sentidos, na observação, o que caracterizava até então o fazer científico da época. Entretanto, a sistematização do método positivista só veio com Augusto Comte que baseou-se nos estudos de Bacon, Hobbes e Hume, os quais tiveram suas obras publicadas em séculos anteriores. Triviños corrobora que

O positivismo, sem dúvida, não nasceu espontaneamente, no século XIX, com Augusto Comte. Suas raízes podem ser encontradas no empiricismo, já na antiguidade. Mas as bases concretas e sistematizadas dele estão, seguramente, nos séculos XVI, XVII e XVIII, com Bacon, Hobbes e Hume, especialmente (1987, p.33)

O empirismo surge em oposição a instituições tradicionalistas. O conhecimento científico se desenvolve “na dupla tensão entre o empirismo e o racionalismo” (MORIN, 2005, p.158). A ciência estava se desenvolvendo de forma acentuada e o positivismo se coloca assim como uma perspectiva teórica de suma importância na tentativa de dar explicações por meio de bases científicas, e não mais baseadas no senso comum ou no conhecimento religioso.

Desta forma, Augusto Comte é considerado o fundador do positivismo, que tinha como princípio fundamental buscar a explicação dos fenômenos por meio das relações dos mesmos e a exaltação da observação dos fatos. Os fatos sociais eram tratados como “coisas” e

as investigações eram realizadas por meios concretos, não buscando compreender o fenômeno.

A experimentação ganhou força na pesquisa e a produção de conhecimento deveria se dar a partir dos fatos. Ao Positivismo, não interessavam as causas¹ dos fenômenos, porque isso não era positivo, não era tarefa da ciência. A ciência estuda os fatos para conhecê-los, de modo absolutamente desinteressado (TRIVIÑOS, 1987). Sendo assim, ocorre a neutralidade da ciência, visto que o papel da ciência está em simplesmente conhecer a realidade, mas não intervir sobre ela.

Os fenômenos sociais passam agora a ser observados e analisados numa ótica experimental de cunho quantitativo. As demais ciências foram matematizadas. Todas as outras ciências somente poderiam produzir conhecimento por meio de artifícios matemáticos, tais como: variáveis, quantitativas, numéricas, enumeração, semelhanças e estatísticas. O que pode ser testado e experimentado, pode ser compreendido.

No âmbito escolar, tal método, quando aplicado, defende que o professor precisa transmitir conteúdos prontos, e ensinar utilizando de modelos, conceitos e fatos. Esse processo acarreta uma aprendizagem individualizada, pautada na memorização, pois os conceitos são tidos como finitos e acabados.

O Positivismo alcançou muitos avanços no campo metodológico para o desenvolvimento do conhecimento (TRIVIÑOS, 1987), mas acabou predominando até a década de 1970, começando a perder terreno na década de 1980 de maneira considerável. A decadência do Positivismo está ligada a dois grandes fatores: a crítica mundial, cujos focos mais fortes partiram do neoliberalismo, representado pela Escola de Frankfurt² (Habermas, Horkheimer, Adorno, Marcuse e Fromm, dentre outros) e da fenomenologia, com raízes em Husserl, Merleau-Ponty, Heidegger.

Além disso, o positivismo perdeu importância para a pesquisa das ciências sociais que se realizava, especialmente, nos cursos de pós-graduação das universidades, porque a prática da investigação se transformou numa atividade mecânica, muitas vezes alheia às necessidades

¹ Segundo Comte (1988), não há como compreender na radicalidade a origem e o desenvolvimento dos fatos.

² Habermas não aceitou estabelecer o conhecimento científico como unicamente válido. Horkheimer e Adorno revisaram a obra de Comte e apontaram limitações, principalmente quanto ao conceito de Sociologia (TRIVIÑOS, 1987).

dos países. Triviños (1987, p. 31) reflete quanto o apego aos aspectos quantitativos (estatísticos) da pesquisa: “A busca de resultados essencialmente estatísticos amarrou, em repetidas oportunidades, o investigador ao dado”. Os dados muitas vezes, por serem tratados isolados de um contexto maior, eram considerados improdutivos.

Apesar dos avanços meritosos quanto à produção e ao desenvolvimento do conhecimento, a decaída do Positivismo fez com que a fenomenologia ganhasse espaço, quando veio a influenciar diversas correntes de pensamento, destacando-se o existencialismo, que será o tema do próximo tópico.

Fenomenologia: o foco na descrição...

A preocupação central está na descrição dos fenômenos da realidade em sua pureza (essência). Esta concepção epistemológica tem orientado as pesquisas em educação, na área da saúde, e tantas outras áreas do conhecimento, tendo como foco a interpretação.

Entende-se por fenomenologia o estudo dos fenômenos em si mesmos, independentes de condições externas. Triviños (1987, p. 43) afirma que a fenomenologia “[...] é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo”. Pode ser entendida como a ciência que estuda a essência das coisas e como são percebidas pelo homem.

Edmund Husserl foi um filósofo, físico, astrônomo e matemático alemão. Ele estava tentando tornar o estudo filosófico algo mais rígido, por meio da criação de um método – o fenomenológico -, tornando assim a fenomenologia uma ciência rigorosa embasada nas interpretações intencionais da consciência acerca dos dados da realidade. Para Husserl, a consciência é responsável por dar sentidos às coisas.

Segundo Husserl, a filosofia deve realizar uma autorreflexão no intuito de superar a metafísica apresentada pela maioria dos cientistas e filósofos do século XIX. Desta forma, o autor baseava-se na lógica, por meio da racionalidade, da observação e na neutralidade pura como forma de chegar à essência. Em outras palavras, os fatos deveriam ser estudados em sua forma verdadeira, ou seja, compreendidos como de fato se apresentam e são experienciados pela consciência do sujeito.

Salzano (1999) pontua que a atitude fenomenológica baseia-se em compreender o que

se mostra. É necessário que o pesquisador esteja livre para perceber o que se mostra e não preso a prejulgamentos e predefinições. Para Heidegger, a atividade fenomenológica se baseia na retomada de caminhos a fim de “[...] ver nosso existir simplesmente como ele se mostra” (p. 62).

O método fenomenológico é a descrição do espaço, do tempo, do mundo vivido, e não se propõe à análise nem à explicação do fenômeno. A descrição exclui assim os métodos de análise reflexiva e a descrição científica, isto é, o ato de retornar “às coisas mesmas” (HUSSERL, 1990). Husserl queria apenas descrever os fenômenos, não os explicar ou analisá-los, isto é, procurava evidenciar as coisas exatamente como elas são. A pesquisa demandava rigor na caracterização do objeto de modo a evidenciar sua essência.

Tomando por base os conceitos fenomenológicos aplicados à Educação, a Fenomenologia entende que o sujeito é único e moldado a partir de todas as experiências e fenômenos sociais e, sendo assim, como esse sujeito ainda viverá outras e novas experiências, ele está em constante construção e modificação. Triviños aponta que:

Fenomenologia ressalta a ideia de “ser o mundo criado pela consciência. A realidade é construída socialmente. A educação era vista principalmente como um agente de socialização; na fenomenologia, a própria socialização é considerada como uma relação recíproca (1987, p. 48).

A fenomenologia investiga o “mundo vivido” pelos sujeitos considerados isoladamente. É uma filosofia que acredita que se possa compreender o homem e o mundo a partir dos fatos. Esse conhecimento dos fatos pelo investigador é pautado na descrição subjetiva e individual, pois cada pessoa enxerga o mundo segundo padrões históricos, sociais, políticos e culturais. A educação de maneira geral também está situada nesse contexto.

De algum modo, o texto fenomenológico precisa servir para outros. O objeto não pode ser exclusivamente oriundo da visão do pesquisador, logo a pesquisa também não pode ser restrita ao pesquisador e não há a necessidade de se recorrer a aspectos quantitativos.

O foco da pesquisa fenomenológica recusa resultados acabados e fechados, sempre está aberta para outras interpretações e indagações. Segundo o ponto de vista fenomenológico, o inacabamento não constitui sinal de fracasso, mas sim uma maneira de mostrar-se em sua verdadeira tarefa, a caminho.

As críticas às pesquisas de cunho fenomenológico se concentram em dois itens: a) seu

caráter a-histórico e b) uma pretensão a neutralidade. Assim como os positivistas, os fenomenólogos estudam uma realidade no intuito de descrevê-la em sua existência pura (descreve os fenômenos com o máximo de detalhes possíveis), sem intenção de realizar transformações nela.

Materialismo histórico-dialético: transformação social

O Materialismo histórico dialético (MHD) é uma corrente filosófica e, ao mesmo tempo, uma teoria política, sociológica e econômica que teve origem na Europa, baseada nas obras de Karl Marx (1818-1883) e Friederich Engels (1820-1895) no século XIX. Essa teoria encontra raízes ainda nos povos antigos do Oriente.

O MHD faz parte do conjunto de ideias apresentadas pelo marxismo e influencia significativamente a produção acadêmica nos campos da filosofia, da sociologia e da educação, além de aspirar por ser uma teoria orientadora da revolução do proletariado. Triviños conceitua MHD como:

[...] a ciência filosófica do marxismo estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida em sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade. O materialismo histórico significou uma mudança fundamental na interpretação dos fenômenos sociais que, até o nascimento do marxismo, se apoiava em concepções idealistas da sociedade humana (1987, p. 51).

O materialismo dialético entende que a história é produzida a partir das relações humanas. Sendo assim, as relações humanas e o conhecimento precisam ser analisados como um processo histórico e dinâmico. Segundo Minayo (2012), o marxismo “[...] considera a historicidade dos processos sociais e dos conceitos, as condições socioeconômicas de produção dos fenômenos e as contradições sociais”. Isto é, as pesquisas nessa corrente precisam considerar o contexto sociocultural e o processo contraditório existente nos fenômenos analisados.

A lógica marxista e, conseqüentemente, a lógica do MHD é revolucionária, se apresentando como um processo de transformação social. A partir do momento em que ocorre uma transformação, a história também é alterada na relação homem-natureza. O marxismo compreende assim, três aspectos principais: “[...] o materialismo dialético, o materialismo histórico e a economia política” (TRIVIÑOS, 1987, p. 49). Segundo o autor,

[...] o *materialismo dialético* é a base filosófica do marxismo e como tal realiza a tentativa de buscar explicações coerentes, lógicas e racionais para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento [...] o *materialismo histórico* é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade (ibid, p. 51 grifos nossos)

O MHD é o ramo da teoria marxiana que busca compreender a sociedade humana, estudando sua evolução e como os homens interagem entre si nessa evolução exponencial de: transformação dos meios de produção e da natureza e conseqüentemente da sociedade além dos embates travados nos processos desiguais de sobrevivência. O MHD é um método de análise do desenvolvimento humano que leva em consideração o homem à medida que age e transforma a natureza e neste processo, também se modifica.

No contexto educacional, esta corrente metodológica enfatiza, portanto, a transformação da sociedade, o questionamento e a crítica. Quanto mais claro estiver algo para o homem, com mais facilidade ele será capaz de realizar as mudanças desejadas. Segundo Gamboa (2012), as investigações nesse contexto se apropriam de técnicas militantes e historiográficas, fazem críticas, denunciam ideologias e apontam contradições e conflitos. Frigotto (1999, p.73) acrescenta que,

[...] é importante enfatizar que a dialética, para ser materialista e histórica, não pode constituir-se numa “doutrina” ou numa espécie de suma teológica [...]. Para ser materialista e histórica tem de dar conta da totalidade, do específico, do particular. Isto implica dizer as categorias totalidade, contradição, mediação (grifos do autor).

As pesquisas embasadas no método dialético estabelecem e apontam contradições possíveis dentro dos fenômenos analisados. O homem é visto como um ser histórico, resultado do meio e ao mesmo tempo agente de transformação deste. O método dialético percebe os fenômenos, os conceitos, as organizações, o próprio ser humano como inacabados, isto é, as coisas não podem ser vistas como prontas e acabadas. O conhecimento, por exemplo, não é algo estático, rígido, é carregado de espírito crítico e revolucionário.

Logo, a opção do pesquisador por esta epistemologia de pesquisa fundamentada na dialética leva o pesquisador a uma atitude de perceber o movimento contido no conceito. E mais, o pesquisador, ao se tornar e se reconhecer como materialista, precisa dominar e relacionar suas pesquisas a conceitos basilares, tais como: ser social, modos de produção,

força e relação de produção, luta de classes, ideologias, alienação, contradição, totalidade (nada pode ser compreendido isoladamente), negação, cultura, formação sócio-econômica, dentre outros.

E é nesse contexto que Frigotto reflete sobre a dificuldade de fazer a pesquisa nesse enfoque materialista dialético. Não é uma tarefa fácil, pois há significativas construções, (re)construções, visto que há “aproximações sucessivas de verdade que, por ser histórica, sempre é relativa” (1999, p. 87).

O pesquisador que desenvolve pesquisas no ramo do MHD, está marcado pela transformação social. E, portanto, a qualidade da sua pesquisa está relacionada a relação do sujeito com a realidade. De que forma determinado conhecimento correlacionará com a realidade atribuindo a ela, respostas concretas.

Portanto, o pesquisador que assume essa corrente epistemológica precisa pois, ter o olhar em movimento. E esse movimento é carregado de contradição dialética, que é uma característica da realidade, exigindo assim, do educador, uma postura de pesquisador baseado na perspectiva da investigação.

Considerações finais

Após essa visão geral de algumas das principais epistemologias, é notório considerar a importância da teoria e do referencial metodológico na pesquisa científica em educação. Todas as epistemologias, a partir de seus referenciais e critérios de cientificidade, se propõem explicar a realidade. Cada epistemologia nos fornece elementos característicos para uma leitura da realidade, ou seja, para uma leitura de mundo e, ao mesmo tempo, esclarece metodologicamente como o conhecimento é produzido.

As epistemologias precisam ser, vistas assim, como possibilidades de olhares diversos sobre os fenômenos educacionais. O que uma epistemologia esclarece, outra não. A pesquisa e o pesquisador estarão sempre sobre essa dualidade, visão e/ou cegueira, a possibilidade da lucidez e/ou obscuridade. Fazer pesquisa envolve, pois, mudança de olhar, mudança de postura, assumir uma atitude, o que acarreta transformações no direcionamento político e pedagógico do docente. A prática e a teoria são conceitos indissociáveis. A prática não consegue êxito sozinha e muito menos a teoria não é capaz de transformar o real.

Fazer uma pesquisa em educação, que é o foco deste trabalho, inclui mudança de olhar, o que tem implicações no direcionamento político e pedagógico da docência, pois a escolha por uma epistemologia não se resume em definir quais métodos se vai utilizar. A teoria é de suma importância para a construção do conhecimento. Sendo assim, o pesquisador precisa saber com clareza em qual corrente ele melhor se encaixa, a fim de obter o resultado esperado.

Esta atitude mostra ainda a necessidade do contato com essas correntes epistemológicas desde a formação inicial do professor. Sabe-se que as três correntes possuem especificidades e características próprias, mas também apresentam limitações. O pesquisador escolhe, assim, aquela que melhor se identifica, que mais responde aos seus anseios.

Não é possível pensar em formação docente que não contemple as discussões epistemológicas. E mais, essa pluralidade epistemológica precisa ser vista como um fator de enriquecimento para a pesquisa. O professor deveria se formado na pesquisa e por meio da pesquisa exercer a docência e isso requer outra discussão, investimento público, incentivo a formação continuada e melhoria das condições de trabalho.

Referências

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009, p. 1-37

GAMBOA, S. A. S. **Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias**. 2. Ed. Chapecó: Argos, 2012.

FRIGOTTO, G. O. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I. (org) **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1999, p. 69-90.

GATTI, B. A. **A Construção da pesquisa em educação no Brasil: Série Pesquisa**. Brasília. 3. ed. Liber Livro Editora, 2012, 87p.

HUSSERL, E. **A ideia da Fenomenologia**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa da pesquisa. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, vol. 30, n. 2, 2004, p. 289-300.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOURA, J. dos S. et. al. Metodologia, O que é isso? A Importância da disciplina metodologia científica na formação acadêmica do aluno de graduação. In: Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, 8, 2015, Sergipe. **Anais [...]**: Universidade Tiradentes, 2015, p. 01-12.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Ed. Revista e modificada pelo autor – 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. Tradução de Science avec conscience.

SALZANO MASINI, E. F. Enfoque fenomenológico da pesquisa em educação. In: FAZENDA, I. (Org.) **METODOLOGIA DA PESQUISA EDUCACIONAL**. São Paulo: Cortez, 1999, p. 59-67.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.